



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
≡ RITA ≡

# LIÇÕES

AO MEU AFILHADO FERNANDO

P O R D Y N E T T E

Desenhos de CASTANÉ

— «Vá estudar a sua lição, Fernando!» dizia a voz esgançada e aguda da boa Miss Joan. Mas o discípulo, um endiabrado rapazito de nove anos, um vivo demonico, continua-

va a colorir o seu álbum com grandes ares de superior entusiasmo.

Tinha uma queda especial para o desenho, o garoto, e, com um gosto, uma arte superior à sua pouca idade, copiava quanto via com tanta habilidade que dir-se-ia possuir já muito estudo.

Mas, nêsse momento, a pintura era apenas um pretexto, simples estratagemma para deixar passar a hora, mil vezes execravel, de estudar as lições.

Fernando era bulhoso, cheio de vida, de inteligência vivissima e cheio de uma intensa curiosidade de saber, mas as lições representavam para êle horas de sujeição, de forçado sossego e, sobretudo, de severas reprimendas, pois o seu espirito, irrequieto e sempre em ebulição, se distraía por qualquer cousa.

O professor era seu próprio pai, um homem excelente, de bello coração e doído pelo filho único herdeiro da sua fortuna e do seu nome e queria vê-lo transformado num poço de sciência, num verdadeiro pertento.

Rispido, duma severidade exageradamente antiquada, de mão férrea (como êle se gabava orgulhoso) tratava o pequeno como um ser inferior e queria ser obedecido, cegamente, à primeira ordem, sem réplica nem demora.

Resultados: Fernando era acanhado, tímido diante de seu pai, falando a medo, balbuciando como um bebé ou um culpado e exalando um «ah» de profundo alívio ao sentir a porta da rua fechar-se à sua saída.

Nêsse momento, adeus obediência, juízo, modos sizados; era um cantarolar desenfreado, correrias pelos corredores e pela escadaria que levava aos quartos, risos e tais desmandos, que só a muita paciência da Mãe e da «Miss», sua antiga «nurse» e hoje amiga de todos, o poderiam aturar.

Por isso, nêsse dia em que o pai saíra mais cedo, cansado já de correr no jardim e jogar o «foot-ball» com o filho do caseiro, o António, Fernando fazia ouvidos de mercador aos pedidos irritados e assustados de «Miss».

— O' menino, se amanhã não souber as lições quem há-de ouvir o seu paizinho! Vá estudar, ande! teimava ella pela vigéssima vez, no mesmo tom murmurento.

(Continua na 4.ª pagina)



# IR BUSCAR LÃ e...

■ POR MORENITA ■

Desenhos de Castañé ■

O lobo foi uma tarde bater á porta da sua comadre raposa, sendo por esta recebido.

— Comadre e amiga (disse êle, mal entrou) tenho entre mãos um negócio de truz e como a comadrezinha é muito inteligente...

— Sim, sim — atalhou a raposa — e depois, e depois, o que é o negócio?

— Não se impaciente, comadre, não se impaciente. Conhece o quintal do regedor?

— Como as minhas mãos.

— Pois bem, ontem, estava eu dormindo a sesta á sombra do muro, quando ouvi um grande barulho; primeiro assustei-me mas depois, pondo-me a escutar, percebi que a criada tinha ido levar mais dois casais de frangos á capoeira.

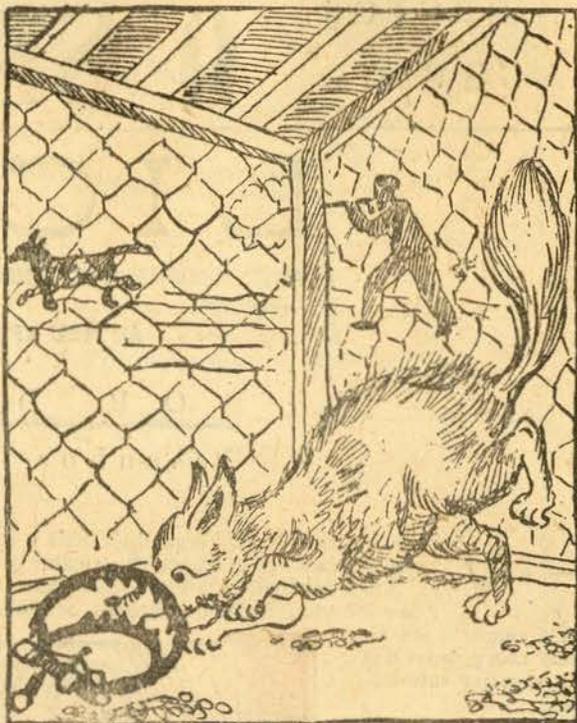
— Sim, sim, mas o pior é o cão, aquele maldito que dorme ao pé da capoeira...

— Não se assuste, comadre; que conceito faz de mim? Então eu havia de vir importuná-la só por prazer?

— Então diga, diga o resto, diga depressa.

— Pois bem, o cão foi levado pela mesma criada para dentro de casa e, dali a pouco, vi-o entrar num carro com a filha e a mulher do regedor em direcção á quinta.

Espreitei esta noite para lá e vi que a capoeira continuava sem guarda e é por isso que venho ter consigo. O ganho será dividido ao meio.



— Está bem, está bem, conte comigo; ás onze horas lá estarei ao pé do muro.

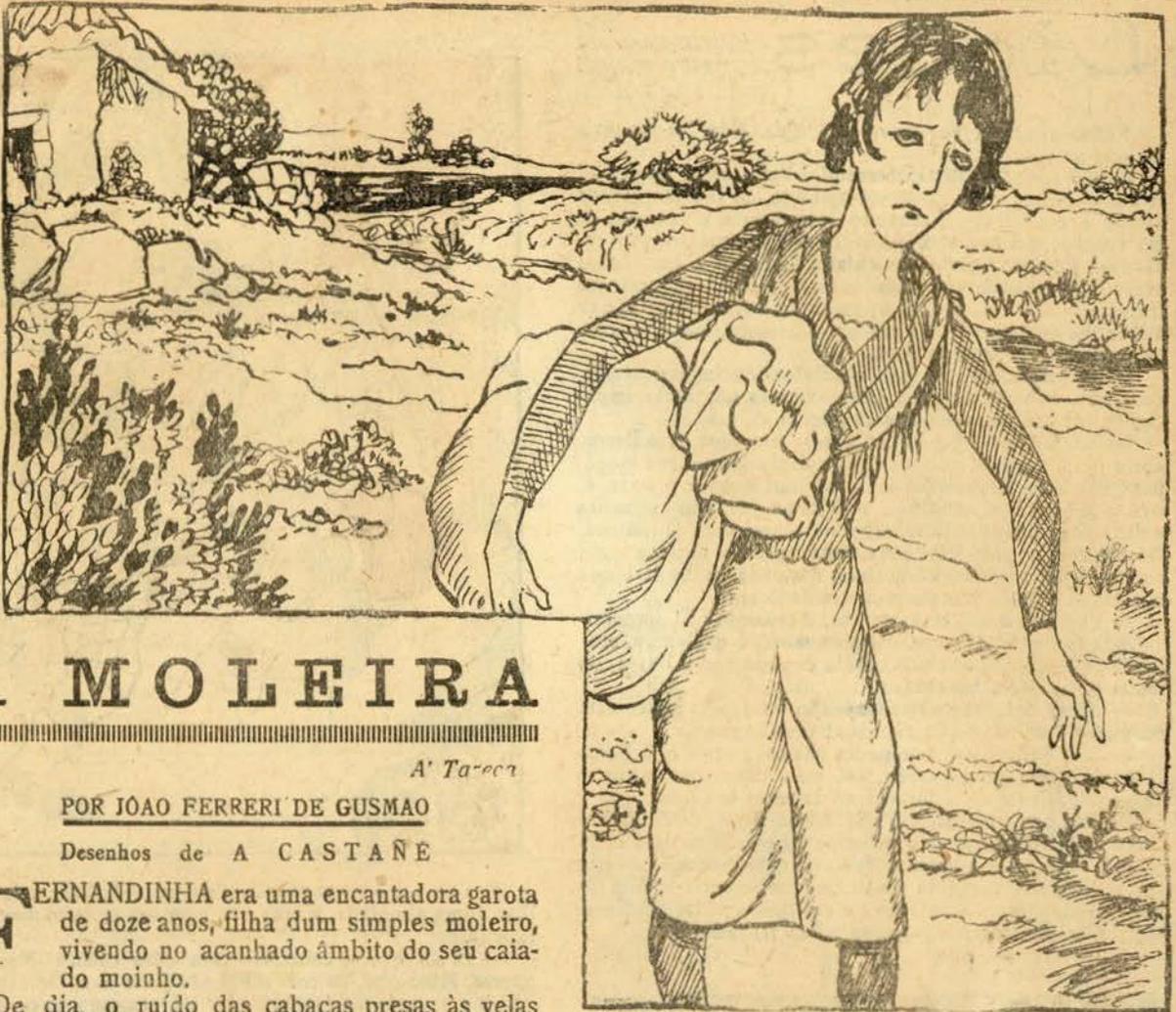


A's onze horas o lobo e a raposa estudavam a melhor maneira de entrar, sem que os galináceos os acusassem.

De repente, a raposa segreda muito contente: — Achei! Vê aquele buraco? Parece estar a convidar-nos...

E, sorrateiramente, foi meter o focinho nele para ver para dentro, mas... O buraco ocultava uma ratoeira que se fechou, fazendo-a soltar um enorme grito que despertou o regedor. Este acorreu pressuroso, armado com a espingarda, tendo conseguido alvejar tambem o lobo que fugia.

fimmamum!



# A MOLEIRA

A' Tarca

POR JOAO FERRERI DE GUSMAO

Desenhos de A CASTAÑE

**F**ERNANDINHA era uma encantadora garota de doze anos, filha dum simples moleiro, vivendo no acanhado âmbito do seu caia-do moinho.

De dia, o ruído das cabaças presas às velas demonstrava a actividade daqueles dois entes que levavam a existência a pensar no pão que alimentaria o seu semelhante.

Moiam desde pela manhã até à noite e a farinha ia-se acumulando no pavimento entre as leiras estendidas, produzida pelo contínuo rodar das mós, que assim transformavam o loiro trigo.

Um dia, em que ela foi levar uns sacos de farinha, e enquanto se revia no produto dos esforços empregados, o pai, o Ti Manel, era apanhado pela engrenagem e, triturado, esmagado, até ficar numa massa informe!

Tinha querido arranjar o rodado sem fazer parar o moinho; mas o vento, traiçoeiro, desviou o tecto movel e o Ti Manel foi colhido. Pobre Ti Manel!...

Fernandinha encaminhou-se para o moinho contando o dinheiro com satisfação.

Ao entrar, porém, o seu coração confrangeu-se e, num choro aflitivo, olhou o sangue que de cima vinha manchar a alvura da farinha tão imaculada como a sua alma

Subiu a escada, trêmula, querendo ver e tendo medo de olhar. Lá estava o pai numa massa informe: o crâneo estacelado, as pernas e os braços partidos!

Que iria Fernandinha fazer, sòzinha, no mundo, sem o seu querido pai?!

Compôs primeiro aquele corpo despedaçado,

emquanto as lágrimas lhe lavavam o rosto infantil a que o trágico acontecimento imprimia traços de infinita dor e, ajoelhando, beijava-o com carinho.

Assim se conservou, velando aquele cadáver querido, até que a manhã rompeu e com ela a necessidade de voltar ao seu labutar.

Enquanto as vizinhas tratavam das formalidades do enterro, viu-se a nossa Fernandinha, embora através do seu véu de lágrimas, remover a farinha ensangüentada, lavar as mós, deitar novo trigo na de cima e fava na de baixo.

Fernandinha era franzina, delgada, flexível,

Nunca brincara; não sabia o que era uma boneca. Desde muito novinha que a mãe lhe tinha morrido e ela se vira a braços com a vida.

Contudo Fernandinha, a encantadora garota de doze anos, novamente experimentada pela fatalidade, toma conta do moinho, encarregando-se de moer os grãos de trigo, loiros como os seus cabelos!

O seu vestuário é negro e simples, o que realça ainda mais a sua juvenil formosura.

.....  
De quem é, agora, a Quinta da Moleira? E' de Fernandinha, uma encantadora mulher de vinte e cinco anos.

Casou? Não! Trabalhou.

FIM

# Lições (Continuado da primeira página)

Nessa altura, a voz grave e doce da Mãe fez-se ouvir na sala ao lado.

— Não ouves a «Miss», Fernando? Vai estudar as lições! A'quele ordem dada pela voz querida da sua tão grande amiga e confidente, Fernando levantou-se e, embora de má vontade, foi buscar à sua secretária os seus livros e cadernos. Com um gesto de enfado começou a escrever os exercícios, massadores e monótonos, tão desconexos nas suas frases sem sentido, que, comparados às lindas histórias que a Mãe lhe contava ou elle lia entusiasmado, era o mesmo que um cardo... e uma rosa.

Passou meia hora no mais absoluto silêncio, escrevendo, cantando, rabiscando sem gosto, mesmo um tanto impaciente, até que chegou a vez das lições de cor.

Nêsse momento pegou, ao acaso, num dos seus livros, abriu junto do sinal que marcava a lição e, com voz monótona, como um realejo, lia em voz alta, fechava o livro, e, com o mesmo sem interesse, repetia as palavras estranhas e esquisitas, com os olhos fechados e uma cara tão ratona, tão aborrecida que a Mãe, que o viera espreitar, desatou a rir, embora uma expressão desgostosa, desolada, se lhe divisasse nos grandes olhos francos e cheios de doçura.

— Como tu dizes essas cousas, Fernando? E' impossível que te fique qualquer cousa na cabeça! exclamou, sentando-se junto da secretária, cheia de cadernos e livros, no maior demazel e barafunda.

— Fica, fica. Que remédio tenho eu senão meter esta porcaria tóda dentro da cabeça?! resmungou elle.

— Oh! Fernando, como podes chamar porcaria à Nossa História? Isso nem parece teu, meu filho, que tanto te entusiasmas com as histórias que às vezes te conto!

— Ora, bôa comparação! Se tivesses que dizer ao Pai como eu, quando nasceu o príncipe tal e em que data o rei X. P. T. O. andou à unhada aos espanhois, sempre queria ver se lhes achavas tanta graça. Que me importa a mim saber quando morreu o D. João I e em que ano foi descoberta a Índia! declamou o pequeno muito irritado



Mas ao ver o rosto penalizado e triste da Mãe, veio ajoelhar numa almofada, a seus pés, com um ar ternamente arrependido;

— Já sei que te contrariou com estas cousas! Mas que queres, Mãezinha, eu com o Pai não gosto nada de estudar. E' tão severo, tão rabujento! Está sempre a tocar a pa'vana!

D. Leonor sorriu, acariciando-lhe a cabeleira anelada e revolta, enquanto lhe segredava meigamente:

— Não deves dizer isso, meu filho; teu Pai é tão teu amigo! Se te ralha é porque és mandrião, não sabes as lições.

Fernando ergueu-se de repelão e, com os olhos a chispar zanga e protesto, exclamou:

— Eu sei sempre as lições, Mãezinha; e, depois de hesitar uns segundos, murmurou cheio de franquesa:—o que eu não sei, o que não percebo é nada do que digo.

E, como a Mãe o olhasse admirada, emendou:

Eu percebo, sabes?! Mas o que não sei é o que as palavras querem dizer. Percebes o que eu digo?

A Mãe sorriu-lhe, baixando a cabeça e, enlaçando-o ternamente pela cintura, perguntou:

— O Paizinho não te explica o sentido das palavras? Fernando riu de comiserção por aquela ignorância das severidades do Pai.

— Pois tu não sabes que o Pai não gosta que lhe esteja sempre a fazer perguntas a tódo o momento?

E, como eu não percebo bem muitas daquelas cousas que digo, aborreço-mo e, às vezes, esqueço-me de metade.

D. Leonor olhava pensativamente para o filho, absorvida naquele problema que, embora de fácil solução, representava um difícil caminho a seguir. Era-lhe necessário muito tacto, muita diplomacia para ajudar seu filho a desenvolver a sua inteligência, criando-lhe o amor pelo estudo, mas sem lhe demonstrar que não estava de acôrdo com o método usado pelo Pai.

E foi depois de pensar uns momentos, que segredou com um ar cúmplice e cheio de bom humor:

— Queres fazer uma combinação comigo? Eu ensino-te tódas as palavras que não souberes, explico-te as tuas lições e tu, em troca, vais estudar muito. Para suavisar o teu trabalho conto-te tódas as tardes uma história, valem?





Um impetuoso abraço foi a resposta do filho que, apontando para o livro que ainda conservava na mão, pediu:

— Explique-me um bocadinho, Mãe, para ver como é?!

D. Leonor abriu o livro, ao acaso, e, dando-o a Fernando para ler, disse:

— Lê esta passagem.

— «D. Manuel, não seguindo as tradições de tolerância do seu antecessor e cedendo às exigências da princesa que desposara, mandou expulsar do reino os judeus que se não quizessem converter à fé cristã». Leu o pequeno com grande atenção.

— E que percebeste tu?

Fernando respondeu sem hesitar.

— Que éle mandou expulsar os judeus.

— Mais nada?

— Para fazer a vontade à princesa; a't'hou éle prontamente.

— Mas que princesa era essa? perguntou a Mãe, olhando fixamente o rosto embaraçado de Fernando.

— Isso é que eu não sei! confessou éle encolhendo os ombros.

— Então, no livro diz: — *Que éle desposara!*

— Pois foi.

— Mas tu sabes o que quere dizer desposar?

— Eu não; foi a resposta franca.

— Quere dizer, com quem D. Manuel casára.

— Então era a noiva d'ele, não era?

— Pois claro! exclamou, rindo, a Mãe?

— Que engraçado. Casar e desposar é a mesma coisa!

Não sabia!

D. Leonor fitou-o, entre incrédula e admirada.

— E tradição o que é, sabes?

— Eu não. Nem a outra palavra a seguir, tolerância, nem antecessor. Se não me explikas... fico a zero!

D. Leonor sorriu divertida e, com um ar muito persuasivo, começou a explicar:

— Olha, ouve cá: — tradições de tolerância do seu antecessor, quere dizer que não seguiu o exemplo de benevolência do rei que o tinha precedido, isto é, reinado antes d'ele. Tolerância, aqui, é o mesmo que Bondade, Benevolência. Tradições, é o caminho, as pisadas, o exemplo dado por outros. Percebes?

— Perfeitamente. Ele não imitou o D. João II, era mau e pôs os judeus daqui para fóra.

— Isso é exagerar; não é que éle fôsse mau, mas era fraco, ou foi fraco nêsse momento; deixou-se dominar pelas

exigências da mulher. Sabes o que são exigências, não sabes?

Fernando carregou o sobrolho, para concentrar mais o pensamento e, depois duma breve hesitação, disse entre convicto e duvidoso:

— Exigências... é pedir assim uma cousa... como hei-de dizer?... com sete pedras numa mão! explicou triunfante.

— Pouco mais ou menos. Ou antes, ainda é pior porque é mandar sem condições, numa ameaça; o mesmo que eu te dizer: — Se tu não me dás aquele livro, não te lero ao teatro.

— Se fôsse eu o rei não lhe fazia a vontade só para lhe mostrar que não tinha medo dela. Exclamou Fernando muito indignado. Se me exigisse qualquer cousa, eu lhe mostraria quem é que mandava!

D. Leonor seguia, divertida, as diversas expressões que o rosto do filho reflectia e foi com uma gargalhada que acolheu aquela tirada entusiástica.

Outra vez seria, murmurou com voz triste.

— E depois, obrigá-los a renegar a sua fé, com os meios que empregaram, foi cruel. Sabes o que é converter à fé cristã?

— Para ser franco... não sei muito bem! exclamou em ar confidencial.

— Olha... como se te quizessem obrigar a não acreditar no teu Deus, e quizessem que adorasses qualquer outro; o sol, por exemplo ou Buda como os Indios.

Fernando corara de indignação.

— Parece impossível! E éles... o que fizeram?

— Coitados, o que haviam de fazer, deixaram-se baptisar para salvar a vida, e os que não quizeram... mataram-nos no meio de torturas... Em autos de fé...

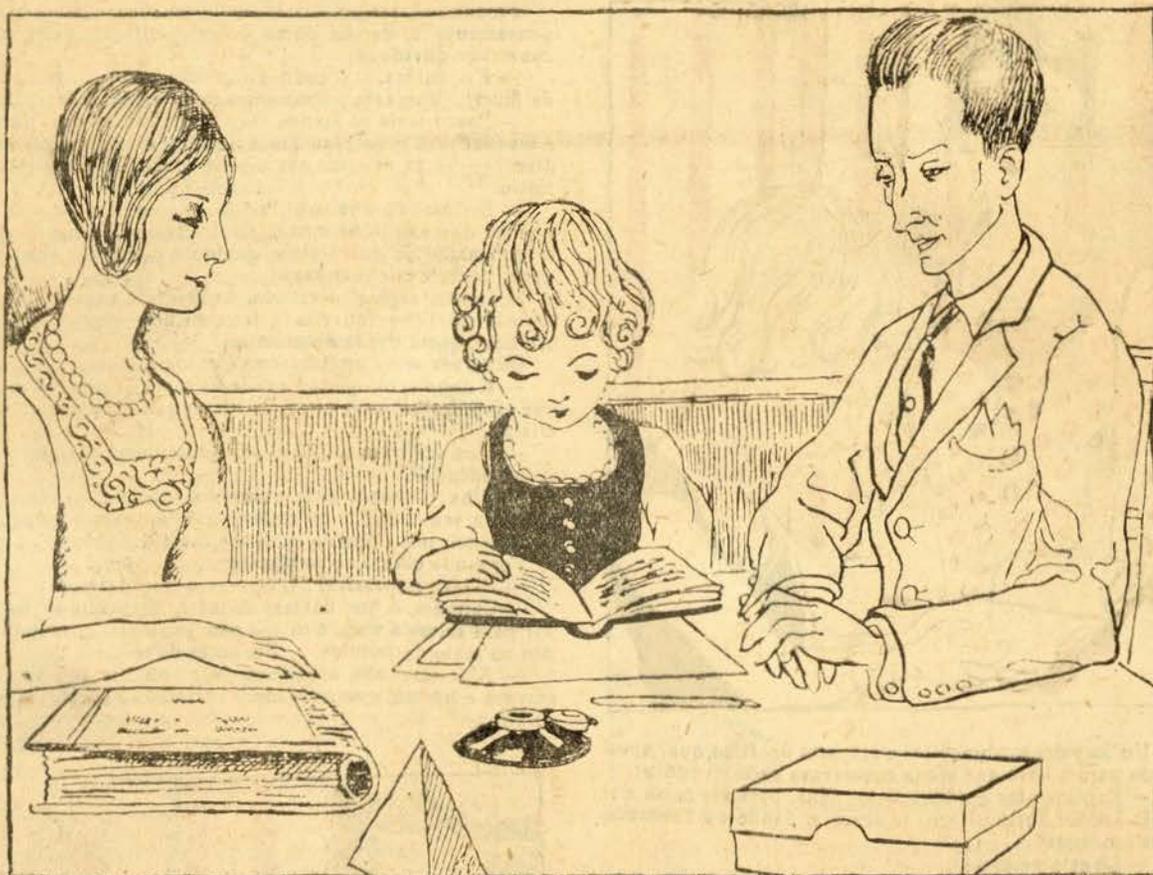
— Ah? isso não expliques, Mãezinha, já sei. Vi uma gravura e bastou; que malvadez! exclamou Fernando cheio de horror.



D. Leonor sabia que o filho se impressionava facilmente com qualquer mal, sucedido a pessoas mesmo que nunca as tivesse conhecido; por isso desviou o assunto, demasiado triste e sério para os seus poucos anos.

— Então?! exclamou pondo-lhe a mão no ombro. Compreendes-te melhor êsse bocadinho que lêste? O rosto de Fernando animou-se de alegria.

J.P.



— Oh! sim, Mãezinha, e nunca mais me esqueço desta passagem. Assim, sim, é engraçado estudar, parece que estou a ler contos.

— Pois, então, verás como vais gostar da Nossa História. Tem passagens tão lindas, tão nobres, que não há contos de fadas, por mais lindos, com mais belas aventuras, e príncipes e reis tão bons, tão valentes como os nossos! Verás como gostas! persuadiu a Mãe, os olhos scintilantes de alegria por ver que, enfim, o filho começava a interessar-se pelo estudo.

\* \* \*

Quando, no dia seguinte, o dr. Menezes abriu o livro severamente, ao acaso, para ter a certeza de que o filho sabia bem toda a história, ficou maravilhado como Fernando lhe soube explicar, por palavras suas, a expulsão dos judeus. E, sobretudo, com o entusiasmo, o calor, com que se animou ao explicar-lhe esse triste episódio, esquecido da costumada timidez e senhor das suas afirmações.

Só mais tarde quando, daí a algumas horas, conversando com sua mulher, lhe disse a sua admiração pelo sucedido, teve a explicação do enigma e, convencendo-se de que D. Leonor fora melhor fadada do que ele, para explicá-la, resol-

veu dividir a tarefa ao meio e compartilharem ambos da nobre e bela missão de ensinar o filho.

Quem ganhou com isso foi Fernando que, perdido o tempo pelas horas das lições, em breve tirou resultados surpreendentes e pôde deliciar-se com os contos que a Mãe lhe prometera e eram sempre tão lindos e cheios de interesse.

A própria gramática, aritmética e geografia, que dantes o faziam bocejar, lhe apareciam com novos atractivos.

Só nos aborrece aquilo que não compreendemos.

O estudo é sempre belo e cheio de imprevisto para quem a ele se dedica com amor e inteligência.

Pelo menos é esta a minha opinião e a de Fernando, hoje médico e um rapaz de valor, o qual diz passar as horas mais felizes da sua vida, entre os livros de estudo, os melhores amigos de todos os momentos.

Para verem se Fernando diz a verdade, imitem-no, meus bons amiguinhos, e só assim poderão certificar-se de quem tinha razão.

F I N

## ENIGMA PITORESCO

Palavras Cruzadas

## Ao chegar a casa

### Solução

— Estou em maré de azar!... Completamente depenado!... Ah se eu, ao menos, tivesse um revolver!

— Para quê? Querias matar-te?

— Não; era para vendê-lo!...



Solução do problema anterior

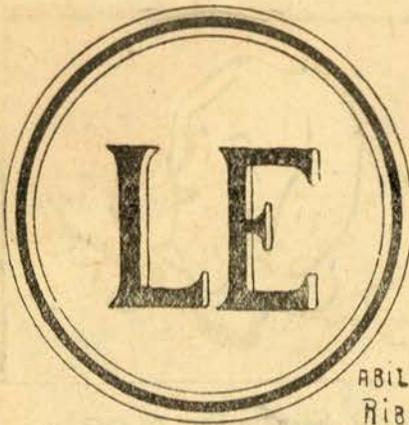
A mãe: — «Porque choras, Zézinho?!»  
Zézinho: — «Porque o professor me perguntou onde estavam as Berlingas e eu não soube responder-lhe».

A mãe: — «Bem feito. Tu nunca sabes onde pões as coisas!»

# HORA DE RECREIO

A D I V I N H A

P R O B L E M A



leão  
leão  
leão  
leão  
leão  
leão

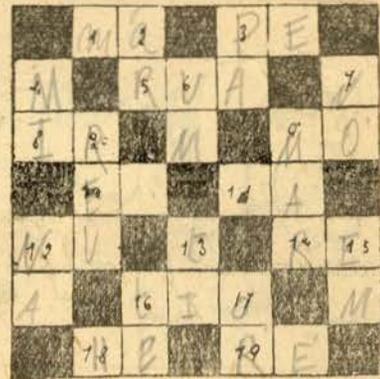
1  
2  
3  
4  
5  
6

ABILIO  
RIBEIRO  
DE MOURA

COIMBRA, 1930

Juntar duas letras á sílaba LE, de maneira a formar palavras com a seguinte significação:

- 1— O Rei dos animais.
- 2— Que é fiel.
- 3— Aparelho que existe nos navios.
- 4— Que pesa pouco.
- 5— Que é alegre.
- 6— Tempo do verbo legar.



Palavras Cruzadas

HORISONTAIS:

- 1— Ruim. 3— Parte do corpo. 5— Caminho orlado de casas. 8— Verbo. 9— Do moinho. 10— Pronome. 11— Advérbio. 12— Despido. 14— Nota musical. 16— Parente. 18— Interjeição. 19— Feminino de Reu.

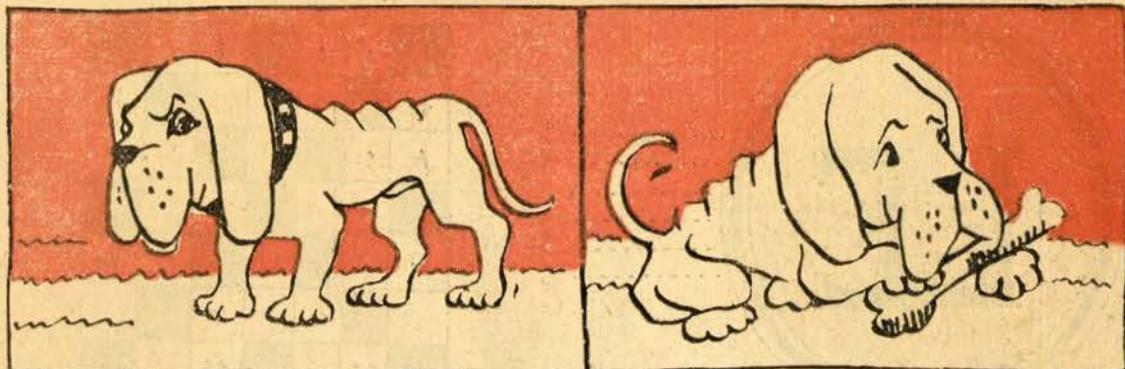
VERTICAIS:

- 2— O que se respira. 3— Instrumento de padeiro. 4— Pronome. 6— Artigo. 7— Laço muito apertado. 9— Grande porção de água salgada. 20— Acusado dum crime. 10— Pronome. 12— Preposição e artigo. 18— Pronome. 15— Preposição. 16— Pronome. 17— Ouro em francês.

## PARA OS MENINOS COLORIREM

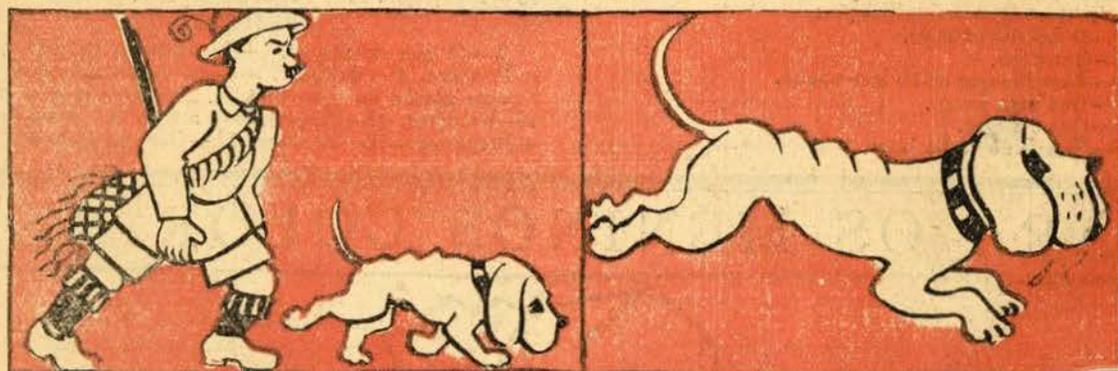


# ZÊ MARIA E O SEU CÃO



O cão do «Ti Zê» Maria, um exemplar muito raro, imensamente corria e possuía um bom faro.

Porque chegue o hora da caça, ei-lo já num alvoroço, enquanto a hora não passa, vai roendo um simples osso.



Emfim, chega o Zé Maria armado da caçadeira e eis que logo lhe assobia lá duma certa maneira.

Nisto, um cheirinho a perdiz —(dir-se-ia de fricassé) chega ao focinho e ao nariz do cachoro e do Ti Zê.



Em correria tamanha vai o cão do Zé Maria ... —« Com certeza que ele a apanha;» consigo, o dono dizia.

Porém —(ai que decepção!)— deram com certo impedido que levava ao capitão um jantar bem fornecido.